

Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Seis por meia dúzia

Já confessei, neste mesmo espaço, por diversas vezes, que sou um usuário. Não disso que vocês estão pensando, mas do transporte público do DF. Durante pelo menos três décadas, o sistema foi dominado por empresários que botavam verdadeiras carcaças ambulantes nas ruas para a população enquanto posavam fotos com carrões importados, lanchas e helicópteros. Finalmente, o governo

prometeu dar um basta à bandalheira e começar tudo do zero.

Mas, com a autoridade que me confere a condição de usuário, gostaria de registrar: melhorou só um pouquinho, muito pouco. Se estava na escala do zero, subiu para 0, 25. Os ônibus velhos foram substituídos pelos novos, no entanto, a frota não aumentou, trocaram seis por meia dúzia. O resultado é que os ônibus continuam a passar lotados pelas paradas e a provocar filas quilométricas na Rodoviária.

Além disso, não houve nenhum investimento na preparação e na educação dos motoristas e dos cobradores. É certo que vivemos em tempos de máquinas que falam e são mais educadas do que os

humanos. Mas não basta colocar ônibus novos nas ruas, as máquinas não operam sozinhas, dependem dos condutores. Os motoristas continuam parando nos pontos somente quando lhes dá na veneta. O que fazer quando os ônibus atrasam ou não atendem o aceno dos usuários nos pontos? Reclamar ao papa Francisco?

Na sexta-feira, estava na fila esperando um ônibus de uma linha que passa perto do condomínio onde moro no Lago Sul, quando recebi um telefonema de minha mulher, retornando de sítio próximo a Cristalina. Estava perto de Valparaíso. Imaginei que, com o novo sistema de transporte público anunciado pelo governo, eu aportaria primeiro ao nosso

destino. No entanto, aguardei mais de 40 minutos e ela chegou antes.

Seria injustiça não reconhecer que melhorou um pouquinho. No entanto, isso é insuficiente para estimular mais gente a deixar o carro em casa, desafogar o trânsito, esvaziar os engarrafamentos e aliviar a superlotação nos estacionamentos. As pessoas continuam com dificuldades para chegar aos seus locais de trabalho ou de estudo.

Só é possível acreditar em reforma do sistema no dia em que tomar ônibus deixar de ser algo que envergonha, humilha e avilta. Para fazer a reforma, o governo enfrentou processos nos tribunais, ameaças e outros recursos escusos. Não é possível que perca a oportunidade de

promover uma mudança efetiva e se contente com uma maquiagem de efeito nulo ou quase nulo.

Certa vez, o senador Cristovam Buarque propôs uma lei segundo a qual todos os filhos de parlamentares deveriam estudar em escola pública. Claro que era uma provocação com intenção polêmica. Mas, de fato, seria a única maneira de melhorar a qualidade do ensino público.

O mesmo vale para o sistema de transportes. Desconfio de que ele só mudará quando as Excelências, os Meritíssimos, os Magníficos e demais autoridades tráfegarem de ônibus e não de Mercedes com cascata artificial, ar-condicionado digital, golfinho acrobático e um mordomo de casaca se abanando com a revista *Caras*.

SHOW / Fãs da cantora norte-americana fazem fila, desde a última quinta-feira, em frente ao Mané Garrincha, para garantir um lugar bem pertinho na hora da apresentação

Vale tudo para ver a diva Beyoncé

» LARISSA GARCIA

Só quem é fã sabe que ver seu ídolo de perto justifica qualquer sacrifício. Para realizar o sonho de ficar a poucos metros da diva do pop Beyoncé, que faz show amanhã, no Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, cerca de 25 pessoas estão acampadas em frente ao local, desde a última quinta-feira (12). São jovens que vieram de outros Estados, como Bahia, Goiás e Minas Gerais, do Entorno e até mesmo residentes do DF, em busca do melhor lugar para assistir ao espetáculo. Mas os dias que antecedem o evento não têm sido fáceis. Eles se revezam na fila em plena seca, com temperaturas elevadas, e se desdobram para tomar banho, almoçar e dormir.

“Sou fã da Beyoncé desde o início da carreira dela e não abriria mão desse momento. Vale a pena cada segundo embaixo desse sol”, comemora de antemão o estudante Paulo Ramos, 27 anos, morador de Valparaíso (GO). Ele chegou à porta do estádio na quinta-feira. “ Vim de ônibus com um colega e fizemos amizades aqui. As pessoas são muito solidárias. Um dos que estão acampados ofereceu a casa, em Vicente Pires, para tomarmos banho”, conta o rapaz, que tem feito as refeições em locais próximos ao estádio, como a Torre de TV e os shoppings. “Ainda bem que temos essa opção. Em 2010, fui a um show dela no Rio de Janeiro, e fiquei 27 horas na fila. Cheguei a passar fome”, lembra.

Também estudante, Josiane da Silva Alves, 21 anos, aguarda com ansiedade a realização de um sonho. “É a primeira oportunidade que tenho de vê-la e não vou deixar escapar. No momento do show, inclusive, vou me vestir de Beyoncé para celebrar em grande estilo”, relata. Ela conta que se apaixonou pela cantora após assistir ao clipe de *Crazy in love*, produzido em 2003. “Não gosto de qualquer outro artista como gosto dela. Vai ser muito emocionante. Não faria esse sacrifício por mais

Ed Alves/CB/D.A Press - 15/9/13



Com ingresso na mão, Josiane Alves (no alto) diverte-se com os colegas na entrada do Mané Garrincha



As pessoas são muito solidárias. Um dos que estão acampados ofereceu a casa, em Vicente Pires, para tomarmos banho”

Paulo Ramos, estudante



É a primeira oportunidade que tenho de vê-la e não vou deixar escapar. No momento do show, inclusive, vou me vestir de Beyoncé para celebrar em grande estilo”

Josiane da Silva Alves, estudante

ninguém”, compara.

O fotógrafo Ramon Nascimento Bittencourt, 18 anos, mora em Santo Antônio do Descoberto (GO) e está na expectativa desde o dia em que o show foi confirmado em Brasília. “Por volta das 7h, um colega me avisou e logo liguei para a minha mãe chorando, porque já tinha perdido as esperanças de assistir à diva”, diz ele, que pagou R\$ 680 pelo ingresso. “Tive de fazer vários ‘bicos’. Minha mãe é dona de um salão e aprendi até a arrumar cabelo para conseguir dinheiro”, comenta.

Desde sábado

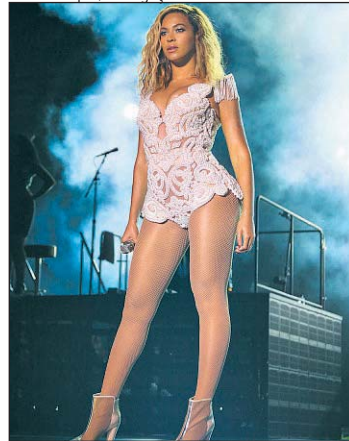
O professor Diego Vieira, 21 anos, veio de longe para encontrar a cantora. “Estou acampado desde sábado (14) de manhã, e espero ficar no melhor lugar. Hoje (ontem) tomei o primeiro banho desde que cheguei, na casa do irmão do meu amigo, que está comigo. Trouxe uma faixa e espero que ela me veja”, planeja o fã. “Eu ia comprar o ingresso para vê-la no Rock in Rio, mas já havia esgotado. Quando soube que ela estaria mais perto ainda de mim, não

acreditei. Estou tão ansioso que não sei se vou conseguir correr quando abrirem os portões”.

Os ingressos para o show estão à venda no site www.livepass.com.br/beyonce. Os valores variam de R\$ 90 a R\$ 300, a meia-entrada. A meia-entrada para o camarote custa R\$ 360. A abertura dos portões está prevista para as 17h.

» Leia mais sobre o show da Beyoncé na **capa do Diversão & Arte**

Robin Harper/Divulgação



Beyoncé: hits e funk carioca

Cantora encanta brasileiros

O show da diva norte-americana em Brasília será o último da turnê *The Mrs. Carter Show* no Brasil. Ontem, ela se apresentou em São Paulo, na quarta-feira, em Belo Horizonte, e, no último domingo, estreou a apresentação em terras tupiniquins em Fortaleza.

Mas o grande momento ficou mesmo com a participação de Beyoncé no Rock in Rio, na sexta-feira. Escalada como a grande

atração do primeiro dia do festival, a cantora empolgou as 85 mil pessoas que lotaram a cidade do rock. O show, com direito a sete trocas de figurino, teve duração de duas horas, em que foram apresentadas 27 canções, entre elas sucessos como *Run the World (Girls)*, *Crazy in Love* e *Single Ladies (Put a Ring on It)*.

No fim do show, quando já tinha agradecido o público presente, a popstar subiu novamen-

te ao palco e caiu no funk ao som de *Passinho do volante*, de MC Federado e os Leleks. O reconhecimento da música das favelas e o gingado da cantora encantaram os fãs.

Antes do show em São Paulo, Beyoncé e equipe viajaram até Trancoso (BA), onde aproveitaram para descansar e curtir a praia. À tarde, a estrela postou uma foto da bela paisagem em uma rede social.

CORREIO DO BRASILIENSE
» ARTIGOS » QUADRINHOS
» DESENHOS » FOTOS DO LEITOR

Risco de desastre ambiental

A incorporação da Entrequadra 212/213 Norte e de parte da área da 213 Norte aos limites do Parque Olhos D'Água, decretada, no ano passado, pelo governador Agnelo Queiroz, foi o coroamento de um movimento que reuniu moradores da vizinhança, usuários do parque e pessoas e organizações interessadas na proteção de uma área evidentemente diferenciada e sensível do ponto de vista ambiental, no âmbito do Plano Piloto.

Na parte dessa área de ampliação do Parque, que fica mais próxima da L1 Norte, sobrevivem duas generosas nascentes, cuja água passa por baixo daquela via e cruza a área urbanizada do local para alcançar o Lago Paranoá. A parte mais alta dessa área de ampliação, mais próxima ao Eixo L Norte, foi qualificada como sendo de recarga de aquífero, dada a declividade e a porosidade do terreno e a evidência dos afloramentos que ocorrem logo abaixo. Essas características determinaram a sua inclusão na nova poligonal do Parque, preterindo um particular que teria adquirido da Terracap, anos atrás, uma projeção comercial no local. Nessa parte, também ocorre um lançamento das águas pluviais, drenadas em mais da metade da Asa Norte, a partir de uma tubulação que termina logo abaixo do aterro do Eixo L.

No período das chuvas, essa tubulação descarrega uma enorme — e crescente — quantidade de água, que provoca erosões graves. Elas começam logo abaixo do Eixo L, constituindo um buraco com mais de seis metros de profundidade, que ameaça os aterros da pista e da quadra (212 Norte). No período da seca, também verte uma pequena quantidade de água pela tubulação, que acumula ao longo do curso d'água erodido e causa dívidas quanto à sua origem.

Para a alegria dos moradores e de todos os que participaram do movimento para a inclusão das nascentes ao parque, a área de ampliação foi cercada por grades em junho, tendo se iniciado, em julho, obras para a extensão da tubulação de drenagem até o canal existente. Com o término dessas obras, a área agora erodida será reflorestada com espécies nativas, capazes de ajudar a potencializar a sua função de recarga de aquífero, que justificou a sua proteção.

O Instituto Brasília Ambiental (Ibram), órgão do GDF responsável pela gestão dos parques, autorizou a execução das obras. Porém, representantes da Abravida, ONG que também teve participação muito importante no movimento pela ampliação do Parque, acionou a Polícia Florestal e representou ao Ministério Público (MPDF) a paralisação das obras, alegando que elas estariam agredindo as nascentes.

Têm razão os representantes da Abravida em lamentar que a obra não solucionará definitivamente o impacto da enxurrada sobre as nascentes e em reivindicar uma solução abrangente e definitiva para a drenagem das águas pluviais na Asa Norte. A galeria existente é insuficiente para drenar a crescente quantidade de chuva, que deixa de se infiltrar por causa da urbanização e da impermeabilização do solo. Mas a busca da solução, que deveria contar com o apoio de todas as partes interessadas, não depende de prejudicar a solução emergencial, até porque a futura execução da obra definitiva também terá que impactar. Por precaução, o MP solicitou ao Ibram a paralisação das obras para a realização de perícia, que possa atestar a real origem da água drenada pela tubulação e dirimir a alegação da localização de nascente na parte alta da área de ampliação.

No entanto, a situação atual da área, com a obra inconclusa, é motivo de grande preocupação. Faltam uns 30m para que a extensão da tubulação alcance o canal já existente e há grande quantidade de terra revulvida em todo o trecho. Se ocorrer uma grande chuva antes da conclusão das obras, o dano ambiental será imenso, tanto pelo agravamento da erosão no trecho quanto pelo enorme volume de terra que seria levado pelo canal, assoreando as nascentes, o Parque, o Arboreto e o próprio Lago Paranoá.

A situação exige agilidade, decisão, eficiência e bom senso tanto das autoridades públicas quanto dos atores sociais envolvidos, que devem, mesmo, discutir as soluções técnicas requeridas para o caso. Mas que precisem, sobretudo, ter a responsabilidade de concluir a obra antes do início do próximo período de chuvas para impedir a ocorrência de um desastre ambiental.

» MARCIO SANTILLI, DO INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL